

***OLHOS D'ÁGUA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: REFLETINDO SOBRE A LEITURA DE LITERATURA AFRO-BRASILEIRA**

Leandro Vagner Almeida Santos ¹

Maria Clara de Freitas Pereira ²

INTRODUÇÃO

A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, estabelece, no seu primeiro artigo, que “§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras”. No entanto, essa realidade ainda não se fez presente nas salas de aula brasileiras de maneira efetiva, principalmente no contexto da disciplina de literatura no ensino básico.

Nessa perspectiva, este trabalho justifica-se pela necessidade de traçar discussões sobre a presença da literatura africana e afro-brasileira nas escolas e tem como objetivo estabelecer uma reflexão acerca das discussões das relações étnico-raciais no contexto da sala de aula. Sobretudo, considerando o lugar socioideológico do autor negro para uma escrita que reflete uma condição de subalternidade. Nesse sentido, partimos do pressuposto que o trabalho pedagógico com a literatura negra corrobora para que o discente desenvolva a criticidade mediante às questões sócioideológicas.

Para isso, faremos uma breve análise do conto *Olhos d'água*, presente na coletânea homônima de quinze narrativas, vencedora do Prêmio da Biblioteca Nacional e finalista do Prêmio Jabuti de Literatura, de Conceição Evaristo. Esta é uma autora mineira, nascida em Belo Horizonte, que mudou-se para o Rio de Janeiro, onde cursou Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em Literatura Brasileira pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e

¹ Mestrando em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande - PB, morfeuleandro29@gmail.com;

² Mestrando em Linguagem e Ensino na Universidade Federal de Campina Grande - PB, claradefreitas03@gmail.com



doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em 2003, publicou seu primeiro romance, *Ponciá Vivência*; em 2014, publicou *Olhos d'água*; e em 2024, tornou-se imortal na Academia Mineira de Letras.

METODOLOGIA

Esta pesquisa é qualitativa e foi desenvolvida com base em procedimentos bibliográficos. Nela analisamos o conto *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, presente na coletânea homônima, publicada em 2014. Para isso, discutiremos os conceitos de Literatura Negra analisada por Silva (2007), e Literatura negro-brasileira cunhada por Cuti (2010). Sendo assim, compreendemos como aportes teóricos, que as reflexões cunhadas por esses autores ancoram as propostas pedagógicas pretendidas para o trabalho com literatura afro-brasileira. Por fim, intentamos refletir sobre a importância dessa obra de Conceição Evaristo como objeto literário social-identitário para a formação leitora do aluno.

REFERENCIAL TEÓRICO

Telles (1992, p. 50) assevera que

Os silêncios cercavam e cercam o patrimônio cultural das mulheres. Cada nova geração precisa refazer os passos e retomar os caminhos. Octavio Paz afirma que autores não lidos são vítimas do pior tipo de censura possível – a indiferença. O silêncio, o não dizer, não é ausência de sentido; ao contrário, o que não se pode dizer é o que atinge ortodoxias, as ideias, os interesses e paixões dos dominantes e suas ordens.

Nessa perspectiva, ao propor o trabalho pedagógico com literatura afro-brasileira, precisamos considerar as raízes históricas de silenciamentos condicionados, sobretudo, a mulher negra. Por essa razão, Silva (2007) aponta que ninguém melhor que as experiências das próprias mulheres negras para transformar em conteúdo estético literário, uma vez que são sujeitos que na escrita de si se anunciam suas dores. Diante disso, é possível a partir desses textos provocar experiências literárias que possibilitem aos alunos sobre o lugar socioideológico dessas autoras e como isso reflete na sua escrita.

Diante disso, a partir das reflexões de Cuti (2010), é necessário pensar numa literatura que discute a condição existencial do negro, por essa razão entendemos que a



ancestralidade que mitiga a literatura afro-brasileira devem ser discutidas em sala, porém, a análise acerca da historicidade negra precisa ser repensada diante de aspectos anteriores subjacentes à cultura africana, pois a ancestralidade racial ancora melhor a condição de subalternidade estrutural do negro.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa obra começa com o questionamento da narradora de qual seria a cor dos olhos da sua mãe: “[...] o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite, se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?” (Evaristo, 2018, p. 15). A partir dessa pergunta, ela relembra momentos de sua infância e suas lembranças demonstram uma realidade difícil, como quando a mãe inventava brincadeiras para que as filhas esquecessem a fome e a necessidade material.

A água aparece como um elemento essencial dessa narrativa e, de acordo com Chevalier e Gheerbrant, no *Dicionário de Símbolos* (2001), ela “[...] pode ser encarado em dois planos rigorosamente opostos, embora de nenhuma modo irredutível, e essa ambivalência se situa-se em todos os níveis. A água é fonte de vida e fonte de morte, criadora e destruidora”. No conto, em momentos assustadores de tempestade, a mãe rezava para a padroeira dos trovões, Santa Bárbara, sincretizada com Iansã, uma das orixás mais poderosas, orixá dos ventos, tempestades, relâmpagos e do fogo. A água, então, não apenas simbólica, aparece como uma ameaça para realidade material da família, mas também como resposta à filha sobre sua mãe:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d’água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas (Evaristo, 2018, p. 19).

Em “Águas de Mamãe Oxum”, notamos outro elemento importante, pois Oxum é a orixá das águas doces, dos rios, da beleza, do amor, da fertilidade e da riqueza espiritual e material, filha de Iemanjá, além disso ela é representada como uma mãe doce e firme, suas águas curam e purificam, enquanto ela está junto a quem passa por



dificuldades. Percebemos, pois, que a água é uma realidade material, mas também simbólica e religiosa, contribuindo para construção das personagens, que são mulheres e afro-brasileiras.

Para Cosson (2021), com base na análise do ensino de literatura a partir do paradigma do social-identitário, “[...] o valor primeiro da literatura é o seu conteúdo, o tema que aborda, aquilo que a obra diz (ou deixa de dizer) ao representar a sociedade.” Nesse sentido, com essa narrativa, é possível trabalhar no ensino básico a leitura literária, considerando as particularidades da literatura afro-brasileira, e trazer discussões acerca das relações étnico-raciais no conto e na realidade dos estudantes. Os elementos simbólicos e sociais não estão apartados, mas apresentam-se numa única trama, que pode ser abordada à luz das relações étnico-raciais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, partimos da ideia que propor essa reflexão em sala contribui para uma relação dialógica leitor-obra-autor para promover uma consciência social do aluno como sujeito, sem deixar de lado o aspecto artístico da obra e a experiência estética e pessoal vivida pelos leitores. Principalmente, acerca das pautas étnico-raciais. O conto de Conceição Evaristo contribui, nesse sentido, por trazer de maneira sensível uma narrativa que representa a realidade de inúmeras mulheres brasileiras que têm suas vidas perpassadas por questões de raça e classe.

Palavras-chave: Conceição Evaristo, Leitura literária, Literatura afro-brasileira, Relações étnico-raciais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), especialmente a Maria Marta Nóbrega e José Edilson de Amorim, nossos orientadores.

Maria Clara de Freitas agradece também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa de estudos.



REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

COSSON, Rildo. **Paradigmas do ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 2021.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

SILVA, Ana Rita Santiago da. A literatura de escritoras afro-brasileiras: uma outra (re) invenção de identidade e diversidade. *In*: NÓBREGA, Geralda Medeiros et al. (Org.). **Cidadania cultural. Diversidade cultural. Linguagens e identidades**. Recife: Elógica Livro Rápido, 2007.

TELLES, Norma. A autoria. *In*: JOBIM, José Luís (Org.). **Palavras da crítica**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

